



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 4, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 4 - EDUCAÇÃO E CULTURA. EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE.
DESCOLONIZAÇÃO DO SABER. EDUCAÇÃO E RELIGIÃO.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.04.06>

Recebido em: **10/08/2020**

Aprovado em: **20/08/2020**

BEATRIZ NASCIMENTO E A DESCOLONIZAÇÃO DOS SABERES: A RASURA NO
MODELO DE INTELLECTUAIS; BEATRIZ NASCIMENTO AND THE DECOLONIZATION
OF KNOWLEDGE: RASURA IN THE INTELLECTUALS MODEL; BEATRIZ NASCIMENTO
Y LA DESCOLONIZACIÓN DEL CONOCIMIENTO: RASURA EN EL MODELO
INTELLECTUALS

SARA ROGERIA SANTOS BARBOSA

<https://orcid.org/0000-0001-7039-9529>

RESUMO

A ideia de intelectuais e intelectualidade que foi forjada no Brasil segue o modelo europeu e dita que, via de regra, um intelectual é aquele que foi formado na academia e o resultado de seu trabalho deve apontar para a análise de objetos igualmente reconhecidos cientificamente. Compreender que esses enquadramentos acabam por limitar o que de fato é um intelectual acompanha todo este estudo e encontramos nos textos da escritora, tanto os teóricos quanto os poéticos, uma forte rasura nos enquadramentos do que seja um objeto de pesquisa e quem deve ser o pesquisador. Pretende-se, por isso, entender como o intelectual negro, além das demandas comuns que o termo carrega, também dialoga com as interrogações que o atravessam e que passam a ser também seus objetos de estudos.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento. Intelectual negra. Identidades. Descolonização do pensamento.

ABSTRACT:

The idea of ??intellectuals and intellectuals that was forged in Brazil follows the European model and dictates that, as a rule, an intellectual is one who was trained in academia and the result of his work should point to the analysis of objects that are also scientifically recognized. Understanding that these frameworks end up limiting what is in fact an intellectual accompanies this whole study and we find in the texts of the writer, both theorists and poetics, a strong erasure in the frameworks of what is an object of research and who should be the researcher. It is intended, therefore, to understand how the black intellectual, in addition to the common demands that the term carries, also dialogues with the questions that go through it and that also become his objects of study. Keywords: Beatriz Nascimento. Black intellectual. Identities. Decolonization of thought CURRÍCULUM

La idea de intelectuales e intelectuales que se forjó en Brasil sigue el modelo europeo y dicta que, por regla general, un intelectual es aquel que se formó en la academia y el resultado de su trabajo debe apuntar al análisis de objetos que también son reconocidos científicamente. Entender que estos marcos terminan limitando lo que en realidad es un intelectual acompaña todo este estudio y encontramos en los textos del escritor, tanto teóricos como poéticos, un fuerte borrado en los marcos de lo que es objeto de investigación y quién debe ser el investigador. Se pretende, por tanto, comprender cómo el intelectual negro, además de las exigencias comunes que conlleva el término, también dialoga con las cuestiones que lo atraviesan y que también se convierten en sus objetos de estudio.

Palabras clave: Beatriz Nascimento. Intelectual negro. Identidades. Descolonización del pensamiento.

INTRODUÇÃO

Ninguém fará eu perder a ternura

Como se os quatro besouros

Geração da geração

Vôo de garças seguro

Ninguém fará

Ninguém fará eu perder a doçura

Seiva de palma, plasma de coco

Pêndulo em extensão

Em extensivo mar – aberto

Cavala escamada, em leito de rio

Ninguém me fará racista

haste seca petrificada

Sem veias, sem sangue quente

Sem ritmo, de corpo, dura

Jamais fará que em mim exista

Câncer tão dilacerado

Anti-Racismo - Beatriz Nascimento

O que é um intelectual? O que faz de alguém intelectual? Como é possível passar da condição de objeto de pesquisa para sujeito pesquisador? É assim que começamos este texto que será atravessado a todo momento pela presença incontestada de uma historiadora negra e sergipana que migrou com toda a família para a região sudeste e propiciou não apenas a sua, mas a mudança de pensamento de muitas e muitos que viriam após ela. Seu nome é Maria Beatriz Nascimento[i].

As perguntas que abrem este estudo não ocorreram por desconhecimento do termo, mas por termos muito bem enquadrado em nosso imaginário forjado social e culturalmente quem poderia ser ou não um intelectual. O problema nasce logo no determinante de gênero: um intelectual. O segundo vem com o espaço: de onde veio e onde está esse intelectual? Por último, a etnia: índios e negros podem ser intelectuais? Tais questionamentos não são vazios, eles encontram eco num fato bem peculiar: se índios e negros não ocupam espaço de poder podem eles produzir conhecimento que lhes outorgue a condição de intelectual?

É tão consensual percebermos os enquadramentos ratificados cotidianamente que não seria impossível perguntar como não foi possível questioná-los antes. A resposta parece que vem de forma instantânea: a construção de saberes não ratificados pela academia invisibilizava seus sujeitos e

proposições. Mais ainda, quando os saberes eram aceitos pela academia, mas seus produtores não, havia um silenciamento. A boa notícia é que o simples fato de tencionar esse assunto aponta para questionamentos quanto a tais enquadramentos e, se as inquições existem, isso quer dizer que em algum momento essa estrutura foi sacudida e os saberes hegemônicos confrontados com os não hegemônicos. Para Gomes (2010, p. 493), parafraseando Santos (2006), é justamente nessa brecha que entram os intelectuais negros e negras.

Tal processo se dá em um contexto de luta contra uma monocultura do saber, não apenas no campo teórico, mas na prática constante dos processos de investigação. Afirmar a existência do potencial infinito da diversidade epistêmica do mundo e discutir o caráter contextual e incompleto do conhecimento são orientações presentes na ecologia de saberes[ii] ou de práticas de saberes.

Perceber a importância dessa inserção é fulcral no estabelecimento de outros vieses de análise sobre saberes, produções e produtores de conhecimento. A “monocultura do saber” a que Gomes (2010) se refere é responsável pelo quase total desconhecimento acerca das contribuições assertivas e, muitas vezes, precursoras de intelectuais negros e negras nas áreas de saúde, tecnologia, exatas e humanas, a exemplo de Mae Jemison, cientista negra estadunidense da Nasa e doutora em Engenharia, primeira mulher a ir ao espaço. Ou mesmo Beatriz Nascimento, negra, sergipana, historiadora, pensadora das indagações que atravessam a negritude no Brasil e de como ressignificar termos ligados à etnicidade negra é salutar para o fortalecimento do sentimento de pertença.

Esses exemplos nos dão uma mostra de como, aos poucos, temos conhecido intelectuais negras e negros que se inseriram significativamente em áreas de conhecimento e acabaram por estabelecer vínculos com “movimentos sociais e extrapola, a tendência ainda hegemônica no campo das ciências humanas e sociais de produzir conhecimento sobre os movimentos e os seus sujeitos”, como salienta Gomes (2010, p. 494). Nascimento (1974), por seu turno, afirma que essas abordagens que consideram os sujeitos negros como produtores de conhecimento estabelecem críticas substanciais sobre a produção de alguns estudiosos que concebem negros apenas como objetos de pesquisa enquadrados em suas perspectivas sociais. Não somos o objeto de pesquisa, somos os sujeitos produtores do saber.

Nesse quesito, Gomes (2010), hooks (1995) e West (1999) produzem um diálogo muito interessante e que tem a educação como forte tensor. Para a primeira, a educação é um campo muito forte quando se pensa nessa quebra de hegemonia. A autora afirma que a produção dessa nova leva de intelectuais, que além de não serem os objetos de pesquisa, são os pesquisadores, também mudou a lente da pesquisa: o objetivo é dar “visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sociorraciais e suas vivências” (GOMES, 2010, p. 495).

Pensando a partir desse viés, não há como não mencionar novamente Beatriz Nascimento, de quem depreendemos que a produção de saber só fazia sentido se fosse possível dar voz aos sujeitos subalternizados, principalmente num país racista como o Brasil e que, nas décadas 70 e 80, ainda vivia sob a ilusão da democracia racial, enquanto becos, vielas e celas eram majoritariamente ocupadas por negras e negros. Em sua produção como historiadora fez exatamente o que defende Gomes: deu visibilidade, denunciou desigualdades, silenciamentos e omissões. Segundo Nascimento (1985, p. 48, *apud* RATTS, 2006, p. 123):

Não chega a ser exagero afirmar que entre 1888 e 1970, com raras exceções, o negro brasileiro não pôde expressar-se por sua voz na luta pelo reconhecimento de sua participação social. Soa interessante que tal expressão vem há a acontecer num momento em que o país estava sufocado sob uma forte repressão ao livre pensamento e à liberdade da reunião. Este era o momento dos anos 70.

De volta ao diálogo interessante, temos a análise de hooks (1995) quanto ao ingresso não planejado de negras e negros no campo da pesquisa e produção de saberes. Para ela, a entrada nessa seara não se deu pela predileção à pesquisa, mas por influência de um mentor ou colega que fez despertar o interesse por uma área que poderia, ainda que não fosse essa a inclinação inicial, possibilitar

mobilidade socioeconômica. Hooks (1995, p. 465) assim se pronuncia:

Mas os negros, como a maioria dos americanos, normalmente vêm a utilidade da alfabetização por vantagens pecunias mais concretas que as do escritor, artista, instrutor ou professor. Os motivos pelos quais algumas pessoas negras escolheram tornar-se intelectuais sérios são diversos. Mas na maioria dos casos podem remontar a uma raiz comum uma experiência tipo conversão religiosa com um professor ou colega muito influente que nos convenceu a dedicar a vida a atividades de leitura escrita e conversa pelo prazer individualmente pessoal e ascensão política dos negros (e muitas vezes outros oprimidos)

A fala de Bell também nos ajuda a pensar sobre como “a intelectualidade” se apresentava como algo distante. O conhecimento letrado necessário para garantir empregabilidade, ou autonomia, já era suficiente e isso não é característica apenas de pessoas negras, mas é necessário salientar que ultrapassar esse muro não é garantia de visibilidade intelectual, principalmente para nós. O campo científico não tinha e não tem a valorização que merece e optar por ele não era decisão fácil. Hooks (1995, p. 464-465) afirma que

Nos círculos políticos progressistas o trabalho dos intelectuais raramente é reconhecido como uma forma de ativismo; na verdade, expressões mais visíveis de ativismo concreto (como fazer piquetes nas ruas ou viajar para um país do Terceiro Mundo e outros atos de contestação e resistência) são consideradas mais importantes para a luta revolucionária que o trabalho mental. É essa desvalorização do trabalho intelectual que muitas vezes torna difícil para indivíduos que vêm de grupos marginalizados considerarem importante o trabalho intelectual, isto é, uma atividade útil.

Por isso era e é importante considerar a relevância do “pensar” as questões sociais, culturais, científicas o que termina por ser um dos principais motes para ultrapassar o muro dos enquadramentos étnicos. Nascimento se ocupou de pensar tais inquições e não distanciou de sua própria experiência. Segundo Ratts (2006), ela conectava suas experiências pessoais às coletivas e isso aparecia com muita tranquilidade em sua obra, como podemos ver em “Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada. África e América e novamente Europa e África. Angola. Jagas. E os povos do Benin de onde veio minha mãe. Eu sou atlântica”. (1989, *apud* RATTIS, 2006, p. 73).

Mesmo não sendo a pesquisa aquilo que ocupava o pensamento inicial da maioria dos intelectuais negros, foi justamente nela que proposituras foram questionadas e temos hoje a possibilidade de discutir o que nos atravessa não a partir de um olhar de fora, mas um de dentro. Para West (1999), conciliá-las passou a ser o novo dilema do intelectual negro/a, envolto num emaranhado que mistura a arrogância dos brancos e a indiferença dos negros. Então, para falar como o autor, “tornar-se um intelectual negro é um ato de marginalidade auto-imposta” (1999, p. 2). No que tange a essa rasura, Nascimento (1987, *apud* RATTIS, 2006, p. 44) diz que

Antes tudo acontecesse como antes aconteceu

Não vindo como algo novo

Seduzindo o que não estava atento

Antes tudo acontecesse como o aviso do sinal

Atenção! “Está prestes a se concretizar”

E não como serpente silenciosa

Em seu silvar

Antes tudo acontecesse quando te sentisses forte

Capaz de reagir, que pudesses sangrar

Antes tudo acontecesse como se fosse o previsto

Visto de trás ou de longe

Antes que te atingisses de frente

Antes tudo acontecesse como acontecem as histórias

De encontros e rompimentos, num mergulho sem demora

Antes tudo se passasse como passa o Arco-íris

Num momento luz, noutro bruma e crepúsculo

Inusitada foi para alguns a entrada de intelectuais não brancos no cenário acadêmico produzindo conhecimento e não sendo objeto de estudo. Como dito antes, tanto West (1999) quanto hooks (1995) e Gomes (2010) trazem o acesso à educação e a continuidade dos estudos como um percurso não natural para negras e negros. West (1999) e hooks (1995) falam inclusive numa “conversão” possibilitada por algum professor mais atento à pesquisa. Parece que essa história acaba se repetindo também em terras brasileiras e não foi diferente com Beatriz Nascimento e seu orientador Muniz Sodré.

Seria injusto, no entanto, não mencionar algo intrigante nas considerações desses autores. Em um dado momento, o engajamento político-social que aparece em Gomes como algo relevante para a produção da intelectualidade negra, a ponto de a autora falar em “produzir conhecimento ‘sobre’ os movimentos e os seus sujeitos” (GOMES, 2010, p. 494), parece, em West, que tal fato se configura como um obstáculo à valorização da produção intelectual desse segmento.

Para ele, existem três obstáculos que desprivilegiam a produção negra junto à academia: o ethos administrativos das universidades e as políticas de ações afirmativas; o separatismo racial oriundos da demarcação e distanciamento entre intelectuais negros e brancos; e, por fim, “a politicização geral da vida intelectual americana junto a pressões ideológicas, constitui um clima hostil para as atividades dos intelectuais negros” (WEST, 1999, p. 3). Ele segue afirmando que não existe um grande jornal ou periódico voltado para intelectuais negros, ou seja, não há espaços de poder onde se possa divulgar a produção intelectual negra e isso é muito ruim quando se deseja fazer ecoar essas vozes não brancas, mas igualmente produtoras de saber. O autor não se faz de rogado e segue a crítica no que tange à fragilidade quanto aos espaços de divulgação e a produção voltada para politicização:

Em resumo, a infraestrutura negra para o discurso e o dialogo intelectual praticamente não existe, esta tragédia é, em parte, o preço pela integração que tem rendido meros grupos negros marginais dentro as disciplinas profissionais de uma comunidade acadêmica fragmentada. Mas essa tragédia também tem a ver com a recusa de intelectuais negros em estabelecer e sustentar seus próprios mecanismos institucionais de crítica e autocrítica, organizados de uma tal forma que pessoas de todas as matizes estariam aptas a contribuir com esses mecanismos. (WEST, 1999, p. 3-4).

É a partir dessa última observação que localizamos a intelectual que congrega as posições desses três autores e que desde o início deste ensaio passeia entre as linhas. Beatriz Nascimento, intelectual cuja trajetória foi interrompida no auge de sua produção, se propôs a ver a pessoa negra, e por isso a si

mesma, não como objeto de pesquisa, não como eternamente presa à condição de escravizada, mas liberta de representações enquadradoras. Ela lançou mão dos mecanismos que tinha e usou a infraestrutura em seu favor e em prol de seu discurso. Dessa forma essa pensadora ressignificou o termo quilombo e o potencializou enquanto local de resistência, de ancestralidade e combate ao racismo.

Apesar de hoje termos acesso a textos de diversas áreas produzidos por negros e negras durante o período escravista e após ele, dificilmente vemos tais produções ocuparem espaço privilegiados de discussão, nem mesmo quando o assunto é a própria condição do negro no Brasil. As organizações “canônicas” cercam esses locais e, por vezes, tentam impedir que neles adentrem aqueles que não foram, outrora, alçados à condição de intelectual forjado na academia. Beatriz ressignificou e apresentou a si e aos seus como sujeitos detentores de conhecimento, ainda que por vezes não concebidos dentro dos muros da academia. Assim ela se pronuncia em *Espera* (1990, *apud* RATTS, 2006, p. 74):

Aquilo mesmo que busco

Como saída, me interrompe

Num tempo de esquecimento

Em suspenso

Suspense. Ânsia edificada no ar

Não tenho a oferecer ao outro

A não ser uma vida concluída.

A terminar. Um exílio forçado,

Não-voluntário.

Um susto, muitos riscos

Uma eterna ascensão

Um lugar não tombado

Nenhum traço de união

Só uma obra de arte

O espaço que ocupo

Completo, não despojado

Dos meus receios e temores

Dos meus ódios e amores

Do olhar dessemelhante

De qualquer ângulo em que estás.

Pensar dessa forma não é algo isolado. Gomes (2010, p. 492) coaduna da mesma ideia, pois declara que “a inserção de negros e negras no campo da pesquisa científica e da produção do conhecimento não mais como objetos, mas como sujeitos que possuem e produzem conhecimento faz parte da história das lutas sociais”. Parte dessa ideia será retomada mais adiante quando pensamos que tido de intelectual negro esperamos no futuro e quais articulações serão estabelecidas dentro e fora das ciências.

Beatriz Nascimento não foi uma fruta que caiu longe do pé. Ela convergiu o conhecimento que ia adquirindo pelo caminho da pesquisa, primeiro como estudante e professora de História e depois mestranda em Comunicação Social, em prol de dar visibilidade às situações identitárias no Brasil, evidenciando as profundas raízes que nos unem ao continente africano, seja cultural, religiosa ou historicamente. Essa manutenção de laços com a origem é abordada também por West (1999) e hooks (1995) para quem alguns intelectuais comentem sérios equívocos quando, após alcançar um nível de intelectualidade que ultrapassa aquele comum em sua comunidade, corta laços com sua origem e tenta falar de um local que não é o seu sobre um lugar a que não quer pertencer.

Hooks (1995, p. 466) afirma que permanecer vinculada às suas origens foi importante enquanto intelectual negra. Para ela, era fulcral considerar a importância que “essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade”. Não foi diferente com nossa intelectual negra. Nascimento não se separou de suas origens quando acessou espaço privilegiados de conhecimento, pelo contrário, levou para dentro locais historicamente silenciados e marginalizados. Em *Sol e Blues* (1990, *apud* RATTIS, 2006, p. 80), a autora nos brinda com versos que falam dessa inquietude, dessa solidão, desse lugar que produziu vozes capazes de questionar a si e ao mundo

Terra azul

Céu escuro

Fantasmas passam nas ruas

Como eu fantasma nua

A caminhar

A quem procuro?

Em que corpo quero estar

Em que cama repousa espírito tão

inquieto?

Nas rotas de sol em ritmo blues

Em remansos passados

Em fechados futuros

Em furioso silêncio

Em furioso silêncio.

No que pese tal vinculação, sua trajetória desde o curso de História até sua morte foi marcada pela

produção de saberes voltados para a etnicidade negra. Segundo Ratts (2006), Beatriz batia de frente com os intelectuais brancos que, naquela altura, estavam à frente das pesquisas institucionais sobre a situação racial no Brasil e os intelectuais negros e negras não dispunham de espaço inclusive para falar sobre sua própria etnia. É nesse silenciamento que podemos localizar o principal núcleo discursivo de Beatriz – o quilombo. Ressignificar o quilombo enquanto campo de tensão e busca de territorialidade era a pólvora que alimentava a escrita intelectual da historiadora e propiciava tornar visíveis os invisíveis, aqueles que estavam fora dos muros da academia.

Ser intelectual negra e mulher era uma potente dupla contra o padrão intelectual branco homem. Se isso já se configurava como uma anomalia, imagina essa intelectual ter foco investigativo as relações étnicas. Gomes (2010, p. 503) nos diz que “os intelectuais negros – principalmente aqueles que elegem a questão racial como seu foco de investigação – irrompem contra essa alteridade forjada em contextos de poder”. Com Beatriz não foi diferente e sobre isso ela mesma afirma que

[...] para o entendimento de nossa sociedade é necessário conhecer um elemento de suma importância na sua formação histórica. Este elemento, por não pertencer, em sua maioria, às camadas mais altas da população, tem um acesso minoritário àqueles círculos considerados cultos, o que o impede de participar de discussões consideradas esnobes (no Brasil é considerado “esnobismo” discutir ou interpretar os aspectos pluralísticos do nível ideológico da sua formação social). O elemento a que nos referimos é o negro brasileiro, que só pode ser entendido a partir de um estudo profundo da ideologia nacional e das suas implicações num todo social, do qual, por força do preconceito racial (dentro daquela ideologia), é posto à margem. O mesmo preconceito racial por que é espicaçado no seu cotidiano, historicamente é evidenciado na ausência de um pensamento livre do brasileiro com relação a ele mesmo, de um pensamento livre do negro sobre si. (NASCIMENTO, 1974, p. 65, *apud* HATTS, 2006, p. 98)

Como se nota, as tensões discutidas no início desse texto por Gomes (2006), hooks (1995) e West (1995) se presentificam na atuação intelectual de Beatriz Nascimento. Collins (2016) versa acerca de três temas que são caro ao feminismo negro e que podem muito bem ser atrelados à produção intelectual de Nascimento, posto que também se enquadre enquanto feminista e negra: a impossibilidade de “separar estrutura e conteúdo temático de pensamento das condições materiais e históricas que moldam a vida de suas produtoras”; o segundo aspecto é que “mulheres negras defendem um ponto de vista ou uma perspectiva singular sobre suas experiências [...] que serão compartilhados pelas mulheres negras como grupo”; por último, “a variedade de classe, região, idade e orientação sexual que moldam as vidas individuais de mulheres negras tem resultados em diferentes expressões desses temas comuns” (COLLINS, 2016, p. 101-102).

Também quanto a isso, Nascimento (1976, *apud* HATTS, 2006) afirma que a mulher negra é essencialmente produtora e exerce papel similar ao do homem em todos os aspectos, isto é, tem papel ativo na produção seja social ou intelectual, pode ser considerada essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do homem, isto é, um papel ativo. Sobre a atuação de igual peso entre homens e mulheres, negros e brancos, convém salientar que a produção da dupla identidade mulher e negra acaba sendo inferiorizada diante de todas as outras possibilidades. Questionar sempre que possível os discursos que não legitimam a produção intelectual negra é importantíssimo, principalmente porque é possível tomar para o si o poder de se autodefinir.

Beatriz Nascimento assegura que o pouco ou nenhum acesso de pessoas à educação favoreceram, mesmo após o fim da escravidão, práticas escravistas e os lugares de poder não passaram por modificações, senão mínimas. A historiadora analisou a ocupação no mercado de trabalho de mulheres negras e percebeu que entre homem branco, mulher branca, homem negro, mulher negra, esta é a que ocupa o último lugar na fila das representações. Para Nascimento (1977, p. 49. *apud* HATTS, 2006, p. 106)

Através da análise da situação da mulher negra no mercado de trabalho. vimos como este elemento

se acha na mais baixa posição dentro da hierarquia social. No entanto, não é somente pelo reflexo no mercado de trabalho que se pode avaliar a situação de subordinação em que a mulher negra se encontra. O fato mesmo de ser mulher, atraiu para si um tipo de dominação sexual por parte do homem, dominação que se origina nos primórdios da colonização

Juntar raça, gênero e sexualidade num mesmo espaço corrobora para entender como a sociedade lida com essas questões e como elas ocuparam espaço na produção de Beatriz. Hooks (1992) faz uma análise bem interessante quanto a essa sexualidade do corpo negro e o total silenciamento quanto ao mesmo fato no corpo branco. Para ela, este se apresenta de forma não sexualizada, enquanto aquele, ainda que não tenha desejos, está a serviço do corpo branco. Ambas as autoras tratam de como, socialmente, os mecanismos ideológicos ratificam a manutenção da exploração do corpo negro, seja para o serviço braçal ou sexual.

Nascimento (1990, p. 3 *apud* HATTS, 2006, p. 128) deixa nítida sua posição: “Via de regra, nas camadas mais baixas da população cabe à mulher negra o verdadeiro eixo econômico onde gira a família negra. Essa família, grosso modo, não obedece aos padrões patriarcais, muito menos os padrões modernos de constituição nuclear”. Ter uma pensadora falando sobre o que envolve social, cultural e historicamente corpos negros é dar voz de fato aos sujeitos e não ter apenas um objeto para ser analisado por um catedrático branco, homem, dentro de sua sala e totalmente alheio às reverberações pelas quais passam essas mulheres. E Beatriz, sendo também essa mulher negra, se vê não como aquela cujo corpo está aprisionado nos enquadramentos ex-catedra, ela adentra os espaços de poder e produz um conhecimento que possibilita olhar de dentro as questões paridas pela sociedade, e não como alguém alheio àquelas questões, como quem olha a paisagem pelo vidro de antigos monóculos.

No que pese tais considerações, Gonzales (1988, p. 74) diz que “a produção científica dos negros desses países do nosso continente tem se caracterizado pelo avanço, autonomia, inovação diversificação e credibilidade nacional e internacional”. Essa afirmação corrobora com o que já foi dito até aqui quanto à importância de intelectuais negros e negras e de como o discurso se potencializa quando é verbalizado por alguém que conhece, por vivência, as questões raciais e sociais que atravessam o ser negro neste país e em todos os outros. Beatriz Nascimento, enquanto historiadora e intelectual, não calou quanto a esse lugar de fala, pelo contrário, sua produção de maior envergadura é justamente aquela que localiza um dos símbolos de resistência negra como um lugar potente de significados ontem e hoje: o quilombo.

Para ela, falar em quilombo era falar em memória, em oralidade histórica, em “esperança de recuperação em prol do poder usurpador” (NASCIMENTO, 1982, p. 259, *apud* HATTS, 2006, p. 109). Ela deixa evidente seu compromisso com as proposituras identitárias negras, principalmente com a ressignificação de espaço, com a continuidade histórica a partir de sujeitos silenciados pela história oficial. Segundo a autora, seu estudo pretende “demonstrar que os homens e seus grupamentos, que formaram no passado o que se convencionou chamar “quilombos”, ainda podem e procuram fazê-los”. (NASCIMENTO, 1982, p. 259, *apud* HATTS, 2006, p. 109).

Estabelecer e fortalecer esses laços identitários já foi abordado por West (1999) e hooks (1995), principalmente como um dos fatores de descrença ou indiferença da própria comunidade negra em relação aos seus pares intelectuais, uma vez que estes acabam por se distanciar daqueles quando o grau de instrução entre eles se torna mais evidente. Beatriz Nascimento foi na contramão dessa realidade. Fez exatamente o contrário daquilo que foi percebido e criticado tanto pelos dois autores acima mencionados. Ela não só não se distanciou, como utilizou os mecanismos de que dispunha para dar visibilidade ao que pesquisava. Isso se materializou no filme *Orí[iii]*, sua obra mais conhecida.

Essa produção vincula a intelectual às questões raciais e sociais que a atravessam é melhor compreendida a partir de suas próprias palavras. Assim ela se manifesta quanto à relevância de tratar

do percurso histórico que une África e Brasil entre os séculos XV e XX e o que representam os quilombos nesse contexto:

Numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica. No Brasil, poderemos citar uma lista destes movimentos que no âmbito social e político é o objetivo do nosso estudo, Trata-se do Quilombo (Kilombo), que representou na história do nosso povo um marco na sua capacidade de resistência e organização. Todas estas formas de resistência podem ser compreendidas como a história do negro no Brasil. (NASCIMENTO, 1985, p. 41, *apud* HATTS, 2006, p. 117).

Essa postura da intelectual brasileira não é algo isolado. Gomes (2010) já acena para essa prática e aponta como um dos desafios do intelectual brasileiro. Atrelado a isso, ela ainda elenca duas atitudes importantes nesse processo: abrir caminhos para novos intelectuais negros e negras que estão nas universidades manipulando os instrumentos acadêmicos ao tempo em que mergulham no conhecimento científico acerca de todas as questões que nos atravessam. Outro aspecto elencado por Gomes (2010) é a necessidade de o estudioso não perder de vista que a etnicidade negra é composta por uma diversidade de identidades e que reconhecer as diferenças é salutar para continuar na luta.

Beatriz percebe isso também durante a sua pesquisa e externa quanto foi importante perceber a multiplicidade de identidades em um dos quilombos que visitou e como isso, em alguns momentos, gerava tensões e reafirmações identitárias a partir das diferenças ali presentes. Ela afirma que percebeu “um conflito de classe e de raça latente que tendia a progredir e que, ao final, veio realmente a acontecer” (NASCIMENTO, 1982, p. 261, *apud* HATTS, 2006, p. 110). No artigo não há informação sobre como esse conflito foi encerrado, se é que foi, mas se percebe a real necessidade de compreender as diferenças e identidades dentro da etnicidade e como esses pormenores são relevantes para aqueles que os assumem.

Compreender o quilombo enquanto espaço de poder foi sempre um dos mais relevantes objetivos da intelectual Beatriz Nascimento. Ela o apresenta como passagem para princípios ideológicos, local de continuidade histórica, símbolo de resistência. Qualquer nome que a autora queira dar a esse espaço só é possível ser conhecido por nós, negras e negros que não fomos seus contemporâneos, porque, em algum momento, tivemos acesso aos mecanismos acadêmicos que possibilitam produzir e divulgar conhecimento científico. Ela, no entanto, cumpre um papel que rasura essa construção de intelectualidade acadêmica: mulher, negra, nordestina e ressignifica os locais de memória silenciados pela história oficial.

Sua obra leva para os espaços de poder o saber dos antigos, da ancestralidade, e novamente rasura a ideia de intelectualidade parida pelos livros. Como compreender o poder de representação das e dos quilombolas sem reconhecer a existência da ancestralidade? O filme *Orí* transita por esses caminhos e congrega ciência acadêmica com o saber dos antigos, o que responde a nossa pergunta inicial: o que é um intelectual? intelectual é todo aquele que produz conhecimento e é capaz de mudar cenários a partir desse saber e isso não é privilégio das academias. Segundo West (1999, p. 14-15), para quem tanto os espaços quanto as atitudes do intelectual negro podem ser ampliadas, isso só vai ocorrer “mais prontamente quando os intelectuais negros se olharem de maneira mais condescendente, focarem as forças históricas e sociais que os constituem, apesar dos meios significativos, porem limitados, da comunidade de onde eles provêm”.

Breves considerações

É importante conhecer intelectuais negros e negras e compreender como seus trabalhos colaboram para o fortalecimento das discussões acerca das identidades étnicas em todas as suas vertentes. Não foi diferente com Beatriz Nascimento. Sua vida e obra se confundem quando tencionamos pensar a representação da intelectual negra e sua produção acadêmica. Foi com essa pensadora que tão cedo teve o fio da vida cortado que aprendemos a repensar os locais de memória – ainda que em momento algum a autora use esse termo – e como eles são importantes na reconstrução ou continuação da

história de um povo.

O desafio que vemos bater à porta da intelectualidade negra no Brasil é enorme e requer muitas mãos: preparar novos pensadores negros para ocuparem os espaços que gradativamente têm sido deixados por aqueles que ajudaram na construção desses caminhos. Ao contrário do que diz West acerca da formação do intelectual negro estadunidense quanto à precariedade na formação em comparação com as décadas passadas, vivemos aqui nos últimos 14 anos o ingresso de negras e negros nas universidades e, por extensão, nos programas de pós-graduação strictu sensu. E o mais importante: esses alunos e alunas estão indo para o mestrado e doutorado com objetos que pesquisa que têm no cultural, no social e no étnico seus motes de análise.

Cada pessoa negra que, na pesquisa, tenciona lançar um novo olhar sobre as questões étnico-raciais, levando em consideração as construções identitárias e as diferenças que permeiam cada sujeito, cumpre aquilo que West (1999) fala sobre o desafio do intelectual negro para o futuro: abrir novas portas e respeitar as diversidades. Essa talvez seja uma das razões pelas quais Beatriz Nascimento, morta em 1995, volta a ocupar as leituras e discussões dentro e fora da academia: sua presteza em tratar de temas identitários caros à comunidade negra e como seus escritos servem para forjar novos e novas intelectuais compromissados igualmente com aquilo que os atravessa.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*. Volume 31, n. 01, janeiro/abril 2016.

GOMES, Nilma Lino. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo Cortez, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria cultural da amefricanidade** In *Revista Tempo Brasileiro*, 92/93, 69/82, jan-jun, 1988, p.69-81.

hooks, bell. **Devorar al otro: deseo y resistencia**. In: *Black looks: race and representation*, Boston/MA: South end Press, 1992.

_____. Intelectuais Negras. **Intelectuais Negras**. In: *Estudos Feministas* nº 2, 1995, p. 464-478.

NASCIMENTO, Beatriz. **Sol e Blues**. **Arquivo Nacional**. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 80

_____. Rotas. **Arquivo Nacional**. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 73.

_____. Inusitado. **Arquivo Nacional**. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 44.

_____. Eu sou Atlântida. **Arquivo Nacional**. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código 2D. Caixa 17. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 73.

_____. Espera (1990). **Arquivo Nacional**. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código

2D. Caixa 17. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 79.

_____. **Por uma história do homem negro**. Petrópolis: Revista de Cultura Vozes, 1974. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 93-98.

_____. **Negro e racismo**. Petrópolis: Revista de Cultura Vozes, 1974. In. RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 98-102.

_____. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 1976. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 102-106.

_____. Nossa democracia racial. São Paulo: Revista Istoé, 1977. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 106-109.

_____. **Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso**. Rio de Janeiro: Estudos

Afro-asiáticos, 1982. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 109-115.

_____. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra.** Rio de Janeiro: Afrodíaspóra, 1985. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 117-125.

_____. **Daquilo que se chama cultura.** São Paulo: Jornal IDE, 1986. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 125-126.

_____. **A mulher negra e o amor.** São Paulo: Jornal Maioria Falante, 1990. In RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 126-129.

RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.

WEST, Cornel. **O dilema do intellectual negro.** In *The Cornel West*: reader. Basic Civitas Books, 1999, p.302-315

[i] Maria Beatriz do Nascimento nasceu em Aracaju, Sergipe, em 12 de julho de 1942, filha de Rubina Pereira do Nascimento, “dona de casa”, e Francisco Xavier do Nascimento, pedreiro, sendo a oitava entre 10 irmãs(ãos)². Aos 7 anos migrou com a família para o Rio de Janeiro no final do ano de 1949, numa viagem de barco, o famoso Ita, partindo de Salvador. Cabe ressaltar que esse é o período da grande migração estimulada de nordestinos(as) para o Sudeste brasileiro. A família se instala em Cordovil, subúrbio do Rio de Janeiro. Enquanto estudiosa, pesquisadora, ativista e autora, Beatriz pode ser focalizada, sobretudo, entre 1968 e 1971, quando cursa História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No mesmo período, faz estágio em Pesquisa no Arquivo Nacional, com orientação do historiador José Honório Rodrigues. Posteriormente, torna-se professora de História da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. (Texto copiado de HATTS, 2006, p. 27).

[ii] Ecologia de saberes: “a ecologia de saberes é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica e pretendem contribuir para credibilizá-las e fortalecê-las” (SANTOS, 2006, p. 154 *apud* GOMES, 1999, p. 493).

[iii] Lançado em 1989 nos cinemas, Ori é um documentário colaborativo entre a cineasta e socióloga Raquel Gerber e da historiadora Beatriz Nascimento. Ao abarcar 10 anos de pesquisas, o filme é uma colagem das mais importantes discussões sobre a cultura negra no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980. A obra acaba por contar a história de Beatriz Nascimento, militante que busca sua identidade através da pesquisa da História dos "Quilombos" como estabelecimentos guerreiros e de resistência cultural, da África do século XV ao Brasil do século XX. (Texto disponível <https://tvescola.org.br/tve/video/especiais-diversos-ori>)

[1] Mestre em Educação com ênfase na História do Ensino de Línguas no Brasil – UFS, doutorada em Literatura e Cultura – UFBA, professora e coordenadora do curso de Letras Português da Faculdade São Luís de França (FSLF). E-mail: sararogeria@gmail.com